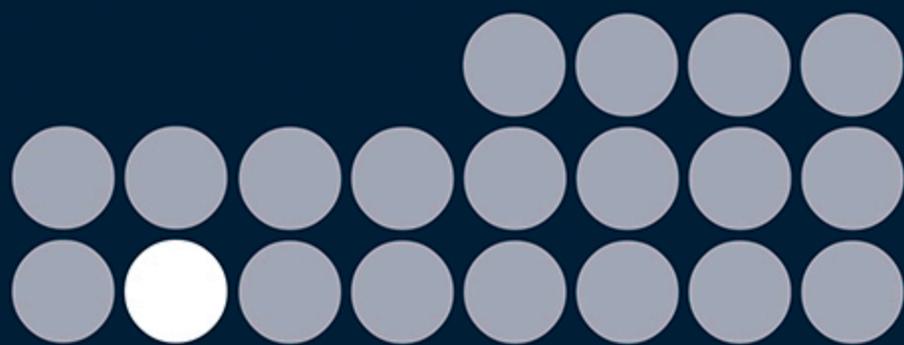


1 e 2 Timóteo e Tito

Introdução
e comentário

Donald Guthrie



· SÉRIE CULTURA BÍBLICA · VIDA NOVA



SUMÁRIO

Prefácio à edição em português	7
Prefácio geral	9
Prefácio do autor à primeira edição em inglês	11
Prefácio do autor à segunda edição em inglês.....	13
Reduções gráficas (abreviações e siglas).....	15

Introdução

1. A designação e a natureza das Epístolas Pastorais.....	17
2. As Epístolas na igreja antiga	18
3. As Epístolas na igreja moderna.....	20
4. O problema das alusões históricas	21
5. A situação eclesiástica	30
6. As heresias abordadas pelas Epístolas Pastorais.....	37
7. O problema doutrinário	43
8. O problema linguístico.....	50
9. O problema da autoria.....	52
10. A mensagem das Epístolas Pastorais.....	58
1Timóteo: Esboço	59
1Timóteo: Comentário	61
2Timóteo: Esboço	125
2Timóteo: Comentário	127
Tito: Esboço	187
Tito: Comentário	189
Apêndice	
Um exame dos argumentos linguísticos contra a autenticidade das Pastorais	221
Bibliografia	237

PREFÁCIO À EDIÇÃO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade ao tentar tratar o texto bíblico em poucas linhas. A *Série Cultura Bíblica* vem remediar essa lamentável situação sem pecar, por seu turno, com o uso de linguagem técnica e sem se deter demasiadamente em detalhes.

Os comentários que fazem parte desta coleção são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentários e as notas de rodapé são reduzidas ao mínimo, nem por isso sendo superficiais. Reúnem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é repleto de observações esclarecedoras.

A característica principal desta obra é que ela é mais exegética do que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico e muito menos refletem debates infundáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam, assim, o preparo do caminho para a pregação.

Cada comentário se divide em duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo, e um estudo profundo do texto considerando os grandes temas do próprio livro. A primeira parte trata das questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examinam-se as questões relacionadas a destinatários, data e lugar de composição, autoria e motivo, e propósito. A segunda parte analisa o texto do livro, seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave, e, levando-as em conta, procura-se compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante substância para digerir nesses comentários.

Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção, terá um excelente e profundo comentário sobre o Antigo e o Novo Testamento. Pretendemos, assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que a Bíblia de fato diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar esse propósito, seremos gratos a Deus e ficaremos contentes: este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

PREFÁCIO GERAL

Os primeiros comentários Tyndale tinham como objetivo auxiliar o leitor comum da Bíblia. Eles se concentravam no sentido do texto sem se aprofundar em aspectos técnicos e acadêmicos. Procuravam evitar os extremos de serem técnicos demais ou concisos a ponto de perderem a utilidade. A maioria dos que usaram os livros concorda que esse objetivo foi consideravelmente atingido.

Mas os tempos mudam. Uma série que foi tão útil por tanto tempo pode já não ser tão relevante como na época em que foi lançada. Novos conhecimentos surgiram. A discussão de questões críticas evoluiu. Os hábitos de leitura da Bíblia mudaram. Quando a série foi iniciada, era possível presumir que a maioria dos leitores de língua inglesa usava a Versão Autorizada (King James), de modo que os comentários podiam ser escritos com base nela, mas tal cenário já não se mantém.

Não foi fácil tomar a decisão de revisar e atualizar toda a série, mas no fim achamos que isso seria necessário na atual situação. Hoje há outras necessidades, e elas serão mais bem atendidas por novos livros ou por uma completa atualização dos livros antigos. O objetivo da série original permanece inalterado. Os novos comentários não são nem minúsculos nem longos demais. São mais exegéticos que homiléticos. Não abordam todas as questões críticas, mas nenhum dos comentários foi escrito sem que se tivesse consciência dos problemas que mobilizam a atenção dos estudiosos de Novo Testamento. Quando se percebe que tais questões devem receber um tratamento mais formal, elas são discutidas na introdução e, às vezes, em notas adicionais.

No entanto, a índole principal desses comentários não é de natureza crítica. Eles foram escritos para ajudar o leitor sem conhecimentos técnicos a entender melhor a Bíblia. Eles não pressupõem conhecimento de grego, e todas as palavras gregas são transliteradas, mas os autores têm o texto grego diante de si e seus comentários são feitos com base nos originais. Cada autor tem liberdade para escolher sua tradução da Bíblia, mas lhes pedimos que levassem em conta as várias traduções atualmente utilizadas.

A exemplo de sua antecessora, a nova série de comentários Tyndale prossegue na esperança de que Deus, em sua graça, use esses livros para ajudar o leitor comum a compreender o mais completa e claramente possível a mensagem do Novo Testamento.

Leon Morris

PREFÁCIO DO AUTOR À PRIMEIRA EDIÇÃO EM INGLÊS

As Epístolas Pastorais têm desempenhado um papel importante na história da igreja cristã e justificado amplamente sua inclusão no cânon do Novo Testamento. Sua atração reside na mistura de conselhos práticos ponderados e declarações teológicas, o que provou ser de valor inestimável para cristãos, tanto no nível pessoal quanto no coletivo. Não é de admirar que as instruções dadas a Timóteo e Tito quanto às suas responsabilidades têm servido de padrão para o ministério cristão e têm sido amplamente utilizadas em cultos de ordenação.

Tenho consciência das muitas dificuldades que envolvem minha tarefa de comentar essas cartas. Por um período considerável, muitos estudiosos lançaram sérias dúvidas sobre sua autenticidade, reduzindo assim a sua autoridade. Senti-me na obrigação de fazer uma investigação minuciosa dessas objeções, e os resultados são apresentados na Introdução de modo tão completo quanto o espaço permite. Uma investigação especial do problema linguístico foi realizada e, em razão da natureza técnica desse estudo, as conclusões alcançadas são apresentadas no Apêndice.

É impossível reconhecer individualmente a dívida que tenho com todos os autores que me precederam neste campo e contribuíram para minha compreensão dessas epístolas. Há, no entanto, alguns que precisam ser destacados em uma menção especial. Entre os comentaristas que têm defendido a autoria paulina, Bernard, Lock, Spicq e Simpson foram especialmente úteis, enquanto Newport White, Horton, Parry e Jeremias ofereceram muitas sugestões proveitosas. Em contrapartida, Scott e Easton, que não favorecem a autoria paulina, foram consultados constantemente, e Dibelius revelou-se valioso pelos paralelos literários. O livro de Harrison *The problem of the Pastorals* [O problema das Pastorais] mostrou-se indispensável para tratar do problema linguístico e constitui a base das investigações apresentadas no Apêndice.

Minha sincera esperança é que este breve comentário estimule maior interesse por essas epístolas finais do grande apóstolo e maior compreensão de seu conteúdo.

Donald Guthrie

PREFÁCIO DO AUTOR À SEGUNDA EDIÇÃO EM INGLÊS

O principal motivo para a revisão deste comentário foi a necessidade de baseá-lo em uma versão moderna em inglês do texto das Pastorais. Escolhi adaptar o texto do comentário para se conformar ao texto da New International Version, embora em vários casos se faça referência a outras versões modernas.

Também aproveitei a oportunidade para fazer pequenas alterações no próprio comentário com o objetivo de maior clareza. Foram feitas referências a comentaristas mais recentes, as quais se refletem em diversos pontos do comentário.

Não vi nenhum motivo para me afastar da minha convicção de que a posição mais provável é aquela que entende que o próprio Paulo é o autor dessas cartas, embora esteja ciente de que vários escritores recentes que trataram dessas epístolas adotaram a posição de que são fictícias e pseudônimas. Na minha opinião, desde a primeira edição deste livro não foi apresentada sobre o assunto nenhuma nova evidência que exija alguma mudança de posição. Não há dúvida de que a autenticidade dessas Epístolas continuará a ser pomo da discórdia entre os estudiosos.

A minha sincera esperança é que esta edição revista se torne uma constante ajuda para aqueles que desejam explorar o ensino das Epístolas.

Donald Guthrie

REDUÇÕES GRÁFICAS (ABREVIACÕES E SIGLAS)

Abbott-Smith	G. Abbott-Smith, <i>A manual Greek lexicon of the New Testament</i> , 3. ed. (1937).
AV	Authorized (King James) Version, 1611
CBQ	<i>Catholic Biblical Quarterly</i>
ExpT	<i>Expository Times</i>
gr.	grego
HDB	J. Hastings, org., <i>A dictionary of the Bible</i> (Edinburgh, 1898-1904).
JBL	<i>Journal of Biblical Literature</i>
JTS	<i>Journal of Theological Studies</i>
LXX	Septuaginta (versão grega pré-cristã do Antigo Testamento)
M & M	J. H. Moulton; G. Milligan, <i>The vocabulary of the Greek Testament</i> (1914-1929).
marg.	margem
Moffatt	J. Moffatt, <i>A new translation of the Bible</i> , 1913.
ms(s).	manuscrito(s)
N.B.	note bem
NCB	New Century Bible
NIV	New International Version, 1973, 1978, 1984
NTS	<i>New Testament Studies</i>
RSV	Revised Standard Version: Antigo Testamento, 1952; Novo Testamento, 1971
RV	Revised Version, 1884
SJT	<i>Scottish Journal of Theology</i>
ZNTW	<i>Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft</i>

INTRODUÇÃO

1. A designação e a natureza das Epístolas Pastorais

Essas três epístolas têm tantas coisas em comum em estilo, doutrina e situação histórica que sempre foram tratadas como um único grupo, da mesma maneira que ocorre com as grandes epístolas “evangélicas” e “da prisão”. Foi só em 1703 que D. N. Berdot utilizou o termo “Pastorais” para descrevê-las, no que foi seguido mais tarde, em 1726, por Paul Anton, que popularizou o termo. Embora esse título não seja tecnicamente correto, pois essas epístolas não tratam de deveres pastorais no sentido de cuidado das almas, ainda assim é apropriado de um modo geral, pois, em contraste com as outras epístolas atribuídas a Paulo, denotam a natureza essencialmente prática do assunto tratado. As Epístolas Pastorais certamente não contêm um manual de teologia pastoral, mas sua utilidade na regulamentação da disciplina eclesiástica foi reconhecida em uma data bem antiga.¹

Diferentemente das outras cartas paulinas, que são dirigidas a igrejas, todas as três Epístolas Pastorais são endereçadas a indivíduos, e muitas das instruções são claramente pessoais. Ainda assim, grande parte do material parece ter em vista as comunidades às quais Timóteo e Tito estavam ministrando. É por isso que em geral se pensa que são epístolas quase públicas, embora não se deva ignorar que elas foram de fato escritas para indivíduos.² O apóstolo necessariamente escreveu muitas dessas cartas no decurso de suas viagens missionárias, dessa forma não apenas mantendo um intercâmbio de notícias, mas também dando orientação ativa a muitos projetos cristãos que ele havia começado. O fato de essas três epístolas terem sobrevivido (juntamente com Filemom) para serem incluídas no cânon aumenta seu valor como documentos que lançam luz sobre questões práticas do cristianismo primitivo.

¹Por exemplo, o Cânon Muratoriano menciona que uma epístola a Tito e duas a Timóteo “ainda [são], no que diz respeito à igreja católica, altamente respeitadas quanto à organização da disciplina eclesiástica”. Tertuliano e Agostinho dão testemunho do mesmo fato (veja C. Spicq, *Les Épîtres Pastorales*, 1948, p. xxi).

²Veja Spicq, op. cit., p. xxi-xxxi. Veja tb. J. D. James, *The genuineness and authorship of the Pastoral Epistles* (1906), p. 109, e Sir W. Ramsay, *HDB*, vol. extra, p. 401.

Quando as características literárias dessas epístolas são examinadas, certos aspectos ficam imediatamente visíveis. Não existe uma ordem intencional, alguns assuntos são tratados mais de uma vez na mesma carta sem aparente planejamento. As várias e breves declarações doutrinárias estão misturadas com pedidos pessoais ou conselhos eclesiais. Essas cartas estão, por conseguinte, bem distantes de serem exercícios literários. Elas são a expressão natural e humana das reflexões do próprio apóstolo sobre o futuro do trabalho que ele tem o dever de delegar a outros. São, portanto, reveladoras tanto das reações do autor diante das situações que enfrentou quanto das condições existentes na igreja.

2. As Epístolas Pastorais na igreja antiga

Existe uma tendência moderna de minimizar a importância das evidências externas. Mas é apenas à luz do pano de fundo das primeiras opiniões cristãs sobre as Pastorais que é possível fazer uma avaliação justa de teorias modernas contrárias à autoria paulina. Com efeito, como demonstram as evidências a seguir, não há motivo para considerar que a igreja primitiva tivesse quaisquer dúvidas sobre a autenticidade dessas epístolas. Na realidade, foi só no século 19 que começaram a ser acolhidas opiniões críticas contrárias à autoria paulina.

Embora existam muitos paralelos entre a linguagem dessas epístolas e os escritos dos primeiros pais apostólicos, Clemente de Roma e Inácio, essas semelhanças não são consideradas suficientes para provar que esses autores estavam realmente usando as epístolas. Mesmo nos casos em que esses paralelos foram reconhecidos, as evidências têm sido interpretadas de diferentes maneiras. Foi até mesmo proposto que o autor das Pastorais usou os escritos de Clemente e Inácio. Alguns consideram que essas evidências demonstram ao menos que pertencem ao mesmo período de Clemente e Inácio. Mas isso não pode ser sustentado, tendo em vista a natureza mais primitiva do conteúdo das Pastorais em comparação com os pais apostólicos. Isso se tornará mais evidente em nossa análise posterior. Tendo em vista a natureza frágil dos paralelos, não é possível lhes atribuir quase nenhum significado, embora, caso se possa demonstrar em outras bases a origem mais antiga das Pastorais, paralelos de linguagem ganhem mais peso, e não o contrário. O que essas evidências não permitem determinar com nenhum grau de certeza é que as Pastorais definitivamente não existiam quando Clemente ou Inácio escreveram.

A evidência de Policarpo é de um tipo diferente, pois ele mostra muito mais familiaridade com essas epístolas. Em geral, se aceita que Policarpo as

conhecia e usava, embora alguns tenham contestado esse fato. A opinião, por exemplo, de que o autor das Pastorais está citando apenas máximas populares usadas na época é uma tentativa de minimizar o valor dessa evidência. Mas as semelhanças são fortes demais para se admitir uma opinião como essa, e Policarpo continua sendo necessariamente o mais antigo usuário incontestável das Epístolas (pelo menos de 1 e 2Timóteo), as quais são objetos deste comentário. Há alusões a essas cartas em Justino Mártir, Heráclio, Hegésipo, Atenágoras, Teófilo e Ireneu, o que mostra que elas eram amplamente conhecidas, ao passo que Teófilo definitivamente acreditava que eram inspiradas.³

Além dessas evidências do segundo século, o testemunho do Cânon Muratoriano precisa ser mencionado, pois nessa lista as três epístolas são, juntamente com Filemom, colocadas logo após as epístolas eclesiásticas de Paulo. Já observamos que o compilador menciona que as duas cartas a Timóteo e a carta a Tito são valiosas em questões de disciplina eclesiástica. Não há nenhuma menção a qualquer dúvida sobre sua origem paulina. Após a publicação desse antigo cânon, as Pastorais foram amplamente utilizadas por escritores cristãos.

Todas essas provas são tão fortes quanto aquelas que favorecem a maioria das epístolas paulinas, com exceção de Romanos e 1Coríntios. No entanto, existem duas outras séries de evidências que são comumente usadas para criar provas externas totalmente contrárias à autenticidade das Pastorais. Todas as três epístolas foram rejeitadas por Marcião e não aparecem no papiro Chester Beatty (P⁴⁶). É Tertuliano⁴ quem nos diz que Marcião as eliminou de sua coleção de cartas de Paulo, o que mostra que ele considerava que Marcião as conhecia, mas não as aceitava. Por sua vez, alguns estudiosos acreditavam que Marcião nem mesmo as conhecia e, por conseguinte, não interpretam Tertuliano ao pé da letra. No entanto, há boas razões para sustentar que alguns trechos das Pastorais não favorecem o ponto de vista de Marcião, e é provável que ele as tenha rejeitado por esse motivo. O posicionamento anti-herético das epístolas e o uso que fazem do Antigo Testamento teriam se chocado com as opiniões de Marcião. Em vista disso, é precário sustentar que na época de Marcião as Pastorais não estavam incluídas no cânon paulino. Pelo contrário, é possível defender que, como uma reação vigorosa ao cânon paulino restrito de Marcião, a igreja ortodoxa começou a considerar mais expressamente que as Pastorais eram canônicas. Tem-se afirmado que, se Marcião as tivesse conhecido, ele poderia ter suprimido trechos pouco favoráveis a ele, assim como fez

³*Ad Autolycum*, 3.

⁴*Adversus Marcionem*, v. 21.

com outros livros, mas é mais convincente acreditar na palavra de Tertuliano a respeito do assunto e aceitar a deliberada rejeição dessas epístolas por Marcião.

Muitos estudiosos consideram que a segunda série de evidências, os papiros Chester Beatty, tem muito mais importância nos debates sobre autenticidade. O fato é que P⁴⁶ não está completo, pois faltam tanto o início quanto o fim do manuscrito. Mas, como estava na forma de códice, é possível calcular que o final faltante não teria folhas suficientes para conter as Epístolas Pastorais. Todavia, esse cálculo não é em si mesmo prova de que essas epístolas estavam necessariamente ausentes, pois há evidências de que o escriba encheu com mais linhas a parte final do manuscrito do que a parte inicial. Além disso, sabe-se que escribas, quando tinham pouco espaço, acrescentavam mais folhas no final de um códice, porém não há meio de saber se isso aconteceu no presente caso. Outra possibilidade é as Pastorais terem sido incluídas em outro códice, mas não sabemos se de fato isso aconteceu. Não há nenhuma razão para supor que a falta de qualquer evidência da inclusão das Pastorais em P⁴⁶ signifique que no momento da sua produção (meados do terceiro século) essas epístolas eram desconhecidas no Egito.

Nossa conclusão tem de ser que as evidências externas não levantam sérias dúvidas sobre a aceitação e o *status* canônico dessas cartas. Quando se dá crédito à força das evidências externas, o ônus da prova nos debates sobre a autenticidade tem de ficar com aqueles que julgam que essas epístolas não são de autoria de Paulo.

3. As Epístolas Pastorais na igreja moderna

A tradição ininterrupta da igreja até o século 19 considerava as Pastorais obra de Paulo e, portanto, autênticas. O primeiro ataque identificado contra a autoria apostólica foi feito quando, baseando-se em questões de estilo e linguagem, Schleiermacher (1807) contestou a autoria paulina de 1Timóteo, tornando-se assim o fundador daquela escola de crítica moderna que decide questões de autenticidade com base em evidências filológicas. Os principais defensores da autoria não apostólica de todas as Pastorais são Eichhorn (1812), Baur (1835), de Wette (1844), Holtzmann (1880), Moffatt (1901), Bultmann (1930), Dibelius (1931, revisado por Conzelmann em 1955), Gealy (1955), Higgins (1962), Brox (1969), Houlden (1976), Hasler (1978) e A. T. Hanson (1982). Muitos negaram a autoria paulina, mas procuraram manter uns poucos fragmentos autênticos. Entre esses, os principais expoentes são Von Soden (1893), Harrison (1921), Scott (1936), Falconer (1937), Easton (1948),

Barrett (1963), Strobel (1969) e Dornier (1961). Em seu primeiro comentário, Hanson (1966) adotou essa posição, porém mais tarde a abandonou.

Em contrapartida, ao longo desse período de crítica, muitos estudiosos cuidadosos têm sustentado a autenticidade dessas epístolas, entre os quais os mais notáveis são Ellicott (1864), Bertrand (1887), Plummer (1888), Godet (1893), Hort (1894), Bernard (1902), B. Weiss (1902), Zahn (1906), James (1906), Ramsay (1909-1911), White (1910), Bartlet (1913), Parry (1920), Wohlenberg (1923), Lock (1924), Meinertz (1931), Schlatter (1936), Spicq (1947), Jeremias (1953), Simpson (1954), Kelly (1963), Knight (1968), de Lestapis (1976) e Fee (1984). O fato de que é possível citar uma lista tão impressionante de estudiosos que favorecem a autoria paulina serve de alerta contra a pressuposição tácita de alguns estudiosos de que não resta base suficiente para a posição tradicional e de que todos os que a sustentam são obrigados a recorrer a argumentos tortuosos.⁵

Deve-se assinalar que existe uma concordância geral quanto à existência de diferenças entre as Pastorais e as outras epístolas paulinas. Essas diferenças dizem respeito à situação eclesiástica, ao enfoque doutrinário e às evidências linguísticas. Há também problemas relacionados às alusões históricas. No entanto, entre os estudiosos as opiniões são amplamente divergentes sobre como essas diferenças podem ser explicadas. Começaremos assinalando as dificuldades históricas, examinando em seguida dificuldades eclesiásticas, doutrinárias e linguísticas.

4. O problema das alusões históricas

Uma vez que nessas epístolas existem muitas alusões a acontecimentos históricos, é importante investigar onde eles podem ser situados no âmbito da vida de Paulo como a conhecemos. Na prática, isso significa uma comparação entre essas alusões nas Pastorais e os acontecimentos na vida de Paulo registrados no livro de Atos e nas demais epístolas paulinas. Muitos estudiosos excluem a possibilidade de qualquer conciliação entre essas duas séries de evidências e, por isso, concluem que as alusões nas Pastorais não podem ser autênticas. A fim de avaliar a objeção à autoria paulina com base em evidências desse tipo, precisamos ter em mente que nosso conhecimento dos acontecimentos da vida de Paulo é necessariamente fragmentário, e isso deve moderar nosso julgamento das evidências. Nossa primeira tarefa tem de ser a de determinar as alusões históricas conforme ocorrem em cada epístola.

⁵Veja o comentário de A. M. Hunter em *Interpreting the New Testament* (1951), p. 64.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.